



Pandemias na Amazônia

"O coronavírus me faz lembrar!"



Mapa da pandemia
Textos e relatos indígenas
sobre o Covid-19 na Amazônia

[ORIGINAL ARTICLE](#)[INCORPORAR
NOTÍCIA](#)[IMPRIMIR](#)[Compartilhar
Twitter](#)

dom, 22 de março de 2020

Não tínhamos médicos, enfermeiros, enfermeiras para cuidar de nossa saúde. Mas estávamos acompanhados no dia a dia por nossos avós sábios que faziam suas cerimônias de proteção

por Justino Sarmiento Rezende

Eu nasci distante da cidade, Onça-igarapé.

O meu pai ao ouvir dizer que estava aproximando uma doença forte nos levava para um lugar mais isolado, ainda.

Lá passávamos o tempo necessário para que chegasse até nós outra notícia: já passou a doença.

Não tínhamos médicos, enfermeiros, enfermeiras para cuidar de nossa saúde. Mas estávamos acompanhados no dia a dia por nossos avós sábios que faziam suas cerimônias de proteção utilizando o breu branco que servia para defumação do ambiente, das pessoas e outros seres de estimação.

Diariamente o grupo de sábios fumando os seus cigarros conversavam sobre o que tinham visto em seus sonhos, que fórmula de proteção havia criado em sua meditação noturna, cada sábio apresentava alguma solução.



para não chegarem até nós. Com as forças cerimoniais inutilizavam a agressividade dos seres das doenças.

Imaginando que eles tivessem dentes quebravam seus dentes para não nos morderem para transmitir as doenças.

Imaginando que poderiam transmitir a doença lambendo-nos arrancavam suas línguas.

Imaginando que poderiam transmitir a doença pelo olhar, eles cegavam os olhos dos seres das doenças.

Por outra parte transformavam o ser humano, o ambiente e os seres de estimação, em corpos resistentes, incandescentes, explosivos, que deem choques; transformavam nossos corpos em corpos quentes, amargos, travosos, azedos e duros.

Criavam cercas com os mesmos efeitos para a nossa proteção. Guardavam nossas vidas dentro das luzes do sol, nas nuvens...

O tempo atual com os seus vírus atuais, com nomes próprios me faz voltar ao passado e relembrar as sabedorias de meus avós que ajudavam a defender a vida.

Me fez lembrar das técnicas de defesa: fugir do inimigo, não se expor, mas retirar-se no lugar considerado seguro até a doença passar.



Justino Sarmento Rezende – É indígena do povo Tuyuka, nascido na aldeia Onça-Igarapé, distrito de Pari-Cachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (1995), graduação em Teologia pela Pontifícia

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (1993) e mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2007). Doutorando em Antropologia Social, no PPGAS/UFAM (Manaus) Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente no seguinte tema: identidades, estereótipos, diferenças.

Supporters



